

Aquarium

Paulo Eduardo Pereira Lima

“We are just two lost souls swimming in a fish bowl”

(Pink Floyd)

A primeira vez foi difícil de ver a reação inteira.

Estávamos na cama, então me virei sobre o seu ombro coberto, ereto. Meu corpo crescia volumoso, um gigante endurecido, lançando uma sombra difusa sobre o lençol. Quando toquei no braço dela dizendo “amor, vamos...”, mas era como se eu tocasse o braço decepado da Vênus de Milo. Ela disse uma única sílaba e no som saiu todo um impropério de coisas, uma acumulação absurda de várias letras e vozes, um chamado antigo de todas as línguas possíveis, uma combinação diabólica e poderosa, como um encantamento proferido por todas as mulheres queimadas vivas e ainda mais, com a firmeza absoluta de um veredicto, com a força de todas as correntezas dos rios azuis e verdes, quebrantados durante o solstício: “não”. Eu me afastei assustado, repellido por uma força que emanava dela, que ia além da decisão, que ia além da vontade. Uma coisa que eu não podia quebrar, que eu não podia vencer. Uma parede de mármore.

No dia seguinte, me levantei para o trabalho e ela ainda estava na cama, coberta. Os cabelos muito escuros jogados ao redor do rosto, melancólicos, e os pés apertados na outra ponta, cruzados, roçando na ponta do lençol, por cima das canelas magras. As cortinas balançavam numa brisa gélida, aquela que ainda era noturna, que vinha do céu cor de anil, resistente à manhã, e tentava despertar as pessoas como um beijo. Suas mãos apertavam o lençol com tanta força que estavam vermelhas e os olhos pareciam bem fechados. Respirava devagar, para ver se não puxava muito o ar, apesar das venezianas estarem abertas. Estava tão quieta. O que

será que houve com você, Isabelle? Você parece tão sozinha, de olhos assim fechados, feito aquelas moças que moram nos bosques, velando pelas serpentes e pelas plantas... Ergui os dedos para arrumar sua franja, retirá-la do rosto, melhorá-la em sua moldura de ruína, mas, antes mesmo de conseguir avançar, ela abriu os olhos vermelhos, como se nunca estivesse adormecida. O que encontrei não foi fúria, não foi repulsa, foi uma beira, um penhasco escurecido e velho; estava diante de um dos mais velhos espelhos opacos da Terra, diante da mais terrível verdade silenciosa que não me dizia nada. E me olhava, os lábios entreabertos, quase numa face de surpresa, coberta de uma teia mortífera de melodia distante, emitindo sons de água límpida e esquecida. “Isabelle?”. Ela não disse nada, moveu os lábios, talvez fosse dizer, talvez quem sabe atravessasse aquela ponte com os pés descalços, por cima da ponte velha de madeira morta, as cordas balançando e as mãos desajeitadas... Mas não disse, respirava ainda. Eu podia ouvir esses pequenos sonzinhos que fazia e fui para longe, aterrorizado. Ela não mexia os olhos.

No trabalho as coisas ocorriam normalmente. Os memorandos se empilhavam e sumiam, o telefone tocava e calava. A música de Isabelle desaparecia no fundo daquele dia. Eu não sabia o que ela queria, não sabia ir até ela. O que será que houve com você, Isabelle? Continuei tamborilando na mesa. Vou comprar flores, ela sempre gostou de hortênsias, aquele jardim não era suficiente, estava deixando-a doente, todas aquelas coisas pálidas demais, tão tristes e feias e sólidas. Reformar toda a casa era demais provavelmente... Mas algumas coisas poderiam ser feitas no quarto, no *closet*, nos pórticos, tudo poderia ser mudado aos poucos sem dúvida. Isabelle ficaria satisfeita, se animaria de novo com certeza...

Ao voltar para casa, no final da tarde, durante as horas em que o sol adormecia, soube em que medida ela se desfazia. Vi a reação inteira. Diante das janelas da sala – abertas – entrava a última brisa aquecida do dia, que aos poucos se tornava gélida, uma espécie de revolução temporal, como se tudo entrasse de um outro tempo. E Isabelle repousava diante dessas janelas, fantasmagórica, segurando com o olhar todos os véus e cortinas bordadas, sua mesma camisola, segurando uma xícara no colo, todo aquele quadro manchado de laranja e vermelho, recebia o impacto da morte do último dia, carregava com o sol aquela dor a ferro e fogo. Tive a impressão de que ela não olhava. Cheguei devagar pela sala, livre meus pés cansados dos sapatos e avancei até onde ela estava. “Isabelle”. Ela não se moveu. Quando coloquei as duas mãos sobre seus ombros, naquele instante, em que olhamos juntos pela janela até o jardim, até o fora do mundo, naquele céu sangrado, senti como se seu próprio corpo emitisse uma espécie de onda de repulsão e ela

murmurou de novo: “não”. A própria alma, se é que havia isso mesmo em alguém ou sei lá o que quer que fosse; além de mim mesmo, uma coisa dentro dela, forte como um monstro poderoso, uma coisa que era essa palavra, que era como uma tesoura, uma faca, uma serra elétrica ligada na potência máxima, um poder violento que me lançava para longe, para além. Ela não se moveu, não me olhou e não disse nada.

Subi para o quarto quieto, meus passos doíam. A escuridão era cerrada demais e ela continuava ali, como que assombrada diante das janelas. Pensei se Isabelle havia descoberto talvez algum romancezinho meu; alguma traição, olhada distraída para uma bunda por aí, uma mão na mão de alguém, algum ciumezinho bobo... Ao ir subindo para o quarto, fui vasculhando minha cabeça com violência, revirando os papéis todos, jogando as gavetas no ar, revirando tudo, revirando cada canto, cada dia, cada um dos últimos cinco anos de casamento, cada um dos segundos que estávamos juntos, cada carta, cada bilhete, cada ligação, cada porta fechada aberta, cada possibilidade testada, cada combinação, cada número, cada letra, tudo, tudo, tudo que fosse possível, tudo o que quer que fosse que tenha destruído minha esposa, minha tão amada e adorável, meu sonho, alma de minha casa, sonhos de minhas noites, meu segundo corpo, meus braços de mar doce, o que quer que fosse... Não havia nada. Abri a porta do banheiro exausto. Não havia nada. Não havia nada de que pudesse ser acusado, nunca tive que procurar nada em outra mulher que Isabelle não estivesse sempre tão disposta a me dar... Tão bela, tão amável, tão educada, com os lábios sempre abertos, uma boca tão funda, aquelas mãos longas e apertadas, aquelas coxas bem grandes, bem fechadas, em volta do meu pau, sempre mexendo nas minhas bolas, tão boa, a língua tão viva... Quando vi, já tinha gozado, mais exausto que antes. O chuveiro chiava no mudo, televisão sem sinal. Tudo parecia ter perdido o sinal.

Isabelle não dormiu no nosso quarto. Quando me levantei, ela estava agarrada num caderninho azul claro, no sofá da sala, ainda de camisola, com as pernas de fora. O que será que houve com você, Isabelle? Como eu posso te ajudar... Mas antes mesmo de minha mão alcançar seus fios de cabelo, ela se levantou, como se tivesse recebido um choque elétrico. Deu cinco passos para o meio da sala, para longe de mim, segurando o caderninho. Eu não conseguia falar nada. Não falávamos, ela me enfrentava, eu devia reconhecer isso, se opunha a mim, com uma força que era tão impressionante, que era como se tivesse crescido, se tornado mais bela, mais terrível; uma das ninfas, uma das senhoras da natureza, um tipo de furação ou tornado, uma onda que cobria tudo. Os cabelos fluídos e eriçados, as mãos paralisadas.

“Isabelle...”

“Não!”, ela gritou, e era como se toda a casa tivesse sido atirada pelos ares, os móveis todos estremeceram. Como ela tinha ficado assim, quem é o responsável por isso, Isabelle? Como você chegou a esse ponto?

O trabalho foi ficando mais longo, cansativo, pastoso. O som do telefone parecia um milhão de agulhas batendo contra o chão. Qualquer rabo de saia me deixava de pau duro. As calças iam apertando, e em volta do pescoço a gravata parecia que ia sufocando um nó, uma espécie de tortura. Por trás de mim, eu via o rosto desfigurado da tortura de Isabelle, me apertando, me girando, socando minhas costelas, mexendo nas minhas bolas, rindo, rindo, querendo que eu pule a cerca, os dentes numa espécie de esgar horrendo, podres... Às vezes, era até difícil de respirar, a camisa ia apertando nos pulsos, os botões iam diminuindo, eu ia crescendo, as mãos grandes demais... Tinha que correr para o banheiro do escritório e me masturbar chorando, três, quatro vezes, imaginando uma orgia entre várias daquelas malditas secretárias, de bunda e boceta saliente.

Cheguei muito tarde em casa, com as mãos doendo. Arranquei a roupa na porta, mas no momento seguinte a empregada ligou a luz.

“Ah, seu Almeida! Desculpa...”, maldita empregada que vem no dia que quer.

“Ah, tudo bem, Rosana, pode ir para casa... Onde é que a Isabelle está?”.

“Não sei não, senhor. Dona Isabelle saiu faz tempo, saiu de camisola, saiu sozinha, nem carregou nada...”.

“Que desgraça, como que ela sai desse jeito na rua? Onde que ela está com o juízo...”.

Quando Rosana passou na minha frente, tive que subir para o quarto correndo, com o pau doendo de novo. Na cueca não dava para esconder mais.

Eu esperei até três da manhã, quando ouvi a porta da sala se abrindo. Desci até lá e acendi a luz, dessa vez ela ia...

A camisola estava toda suja de lama, o rosto estava todo sujo. Os cabelos tinham folhas e galhos, os braços estavam com arranhões e mais lama. Os mesmos olhos parados, água pantanosa. Ela subiu quieta, com os pés cheios de lama até os joelhos. Não me disse nada, ainda sentia aquela sua força me empurrando para longe, o seu eu todo me recusava, ela queria é ser sozinha para sempre, será?

Ligou o chuveiro. Será que ela queria que eu forçasse a coisa toda? Será que era isso? Parecia, é verdade, parecia mesmo... Mas não podia, não podia machucar Isabelle desse jeito, não podia violar esse seu desejo tão profundo e tão assustador, tão apartado de mim que doía. Não posso machucar minha mulher, não posso

estuprar minha mulher! Não, isso é errado, ela não quer isso, não quer que eu a machuque... Então o que é que ela quer, o que você quer maldita? O caderno! Onde foi parar o maldito caderno, cadê ele? Gaveta, gaveta, papel, colchão, ela tem um amante, é isso, ela tem vários amantes, transa com cavalos à luz da lua cheia, pagante demoníaca, víbora desaforada, mostra aqueles peitões para todos eles na rua, grita, com certeza, balança a bunda numa boate qualquer, deve trepar com vinte homens ao mesmo tempo, deve sentar num pau bem duro e grosso, em dois! Deve sim, com aquela xana dela bem aberta, bem achei! Achei o caderno, agora eu te peguei!

Mas lá dentro só tinha uma única palavra. Cheio apenas de uma única palavra, escrita com diferentes caligrafias, várias vezes, em linhas irregulares, de formas diferentes: *aquarium. Aquarium. Aquarium. Aquarium. Aquarium. Arquarium. Aquraium. Aqraruim.* Que porra é essa! Que porcaria toda era aquela? O que houve com você Isabelle?

“Isabelle! Abre a porra da porta desse banheiro! Abre essa porta, abre a porra dessa porta!”.

“Não”.

“Eu vou arrebentar essa porta, Isabelle abre essa desgraça dessa porta, abre logo, abre essa porta, abre eu vou quebrar tudo isso, abre essa desgraça agora!”.

“Não”.

“Abre, por favor, meu amor, abre... Eu não consigo mais, Isabelle... Eu não quero te trair, por favor, Isabelle... Eu preciso de você, meu amor, por favor... Isabelle, eu vou morrer...”.

“Não”.

Então bati uma vez com os pés, bati de novo, bati com uma cadeira, bati com uma mesa, joguei a escrivaninha na porta; a porta arrebentou, e ela estava nua, encharcada de água sólida, uma cobertura tóxica do seu próprio cheiro de fêmea, asfixiado dentro do banheiro. Os cabelos empastados. Tirei toda a roupa. Ficamos lá por três dias, até que ela disse o seu último “não”.